

A prostituição, sociabilidade e estratégias de sobrevivência: uma resposta aos efeitos da globalização na capital moçambicana

Tubias Benedito Borge Capaina *

ORCID iD

<https://orcid.org/0009-0008-3500-6812>

RESUMO

O artigo tem por objetivo investigar sobre a prostituição como estratégia de sobrevivência em contexto urbano, buscando analisar sob o ponto de vista do risco de contaminação por doenças contagiosas sexualmente. No entanto, neste texto, analiso a prostituição em um contexto de alternativas de sobrevivência. Em termos metodológicos para a realização deste texto recorri a abordagem qualitativa, que entende uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza ela se envolve com empatia aos motivos, as intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. As técnicas de recolha de dados foram: entrevistas semi-estruturadas, entrevistas coletivas, entrevistas individuais com recurso a gravador do telemóvel, anotações no diário de campo, observação direta, revisão da literatura e comparação de conteúdo das entrevistas. A observação direta permitiu perceber o quotidiano das prostitutas mecanismos de como se constrói a identidade na prostituição e as regras e estratégias de conquista de clientes. Sendo regra de um antropólogo no campo ouvir, ver perguntar e escrever. As observações decorreram no período de noite e dia (das 8 horas da manhã até as 21 horas da noite e das 22 até as 8 horas) da manhã do dia seguinte como objetivo de se inserir no local e compreender como são as negociações no período noturno e como é no período diurno para ter mais informação de quando é que a movimentação tem mais fluxo. Conclui-se que a prática da prostituição tem sido algo existente em todas sociedades onde no exercício dessa atividade podemos encontrar grupos de mulheres prostitutas umas e outras buscam mecanismos de sobrevivência vendendo seu corpo. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas.

PALAVRAS-CHAVES

Prostituição; Modelos Econômicos; Sociabilidades

Prostitution, sociability and survival strategies: a response to the effects of globalization in the Mozambican capital

ABSTRACT

The article aims to investigate prostitution as a survival strategy in an urban context, seeking to analyze from the point of view of the risk of contamination by sexually contagious diseases. However, in this text, I analyze prostitution in a context of survival alternatives. In methodological terms, to carry out this text I used a qualitative approach, which understands a fundamental and intimate approach between subject and object, since both are of the same nature and involves empathy with the motives, intentions and projects of the actors. , from which actions, structures and relationships become meaningful. The data collection techniques were: semi-structured interviews, collective interviews, individual interviews using a cell phone recorder, notes in the field diary, direct observation, literature review and comparison of interview content. Direct observation allowed us to understand the daily lives of prostitutes, the mechanisms of how identity is constructed in prostitution and the rules and strategies for attracting clients. It is the rule of an anthropologist in the field to listen, see, ask and write. The observations took place during the night and day (from 8 am to 9 pm and from 10 pm to 8 am) the morning of the following day with the aim of inserting oneself into the place and understanding what negotiations are like at night. and what it

* Graduado em Antropologia pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. Investigador Independente. E-mail: capainatubias@gmail.com

is like during the day to have more information on when the movement is most frequent. It is concluded that the practice of prostitution has been something that exists in all societies where, in the exercise of this activity, we can find groups of prostituted women, some of whom seek survival mechanisms by selling their bodies. The construction of identity takes place within social contexts that determine the position of agents and therefore guide their representations and choices.

KEYWORDS

Prostitution; Economic Models; Sociability

Introdução

O primeiro registro da prostituição foi há dois mil anos a.C., na antiga Suméria. A prostituição, na antiguidade, era interligada a cultura, a religião e a sexualidade, e por isso, o sexo era a sagrado (Durigan e Nóia, 2007, Apud Gois, 2008). Segundo Ceccarelli (2008, p.1) A representação social da prostituta varia segundo a época e a cultura, nem sempre foi acompanhada do estigma que o Ocidente lhe atribui. Nas sociedades em que a propriedade privada inexistia e a família não era monogâmica, por exemplo, o sexo era encarado de forma bem diferente que a nossa, e ao que tudo indica, não havia prostituição.

Na Grécia antiga, havia as hierodules, mulheres sagradas que ofereciam serviços sexuais em ocasiões especiais, mas não correspondiam exatamente ao que entendemos por prostitutas. Eram vistas como a encarnação de Afrodite e respeitadas pela população e pelos governantes por evocarem o amor, o êxtase e a fertilidade. Embora fossem escravas como as deikteriades (prostitutas cujos donos eram cidadãos comuns) tinham mais regalias que elas (Ceccarelli, 2008, p.2). Na antiga civilização grega, a prostituição fazia parte da paisagem cotidiana, era um meio de obtenção de rendimento igual a qualquer outro e uma prática controlada pelo estado. As prostitutas deviam pagar altos impostos e vestir-se de forma a serem identificadas como tal.

Segundo Richards (1990, Apud Gois 2008) Na Idade Média, as prostitutas eram parte integrante da vida urbana. As mulheres entravam na prostituição por razões de pobreza, perda de status, um passado familiar perturbado, violento e incestuoso. Entretanto para Fragoso (1965, p.633) com o advento do cristianismo a prostituição foi a princípio, severamente proibida e punida. Porém, os Concílios sob influência de grandes doutrinadores, como Santo Agostinho, passaram a considerar a prostituição um mal necessário.

A Revolução Industrial trouxe um elemento significativo à prostituição, pois as mulheres tiveram de enfrentar condições desiguais no trabalho em relações aos homens.

Prostituir-se em troca de favores, de melhores condições de vida, revelou-se uma opção (Ceccarelli, 2008, p.4). Assim para Goffman (2002) defende que a prostituição é fruto das transformações sociais, decorrentes do início da Revolução industrial na Europa, século XVIII, como “resultado do processo do êxodo rural, migração. Por isso, a prostituição antes de ser um acto desviante, é de facto um problema que começa com o desenvolvimento das sociedades e das cidades”. Neste período, a prostituição refletia as lutas que estavam ocorrendo em toda sociedade. Os bordéis começaram a ser associados - no que diz respeito às autoridades - à dissensão e desordem públicas, pois era o lugar onde as pessoas da classe trabalhadora podiam se reunir e expor suas queixas. Na segunda metade do século XIX, muitas cidades e vilas francesas viram seus distritos de prostituição reduzidos a “ruas quentes” (Roberts, 1998, p.122 Apud Mahumana, p. 2016).

1. Prostituição em Moçambique

Para Nambale (2009) em Moçambique a prostituição vem desde a tempo colonial, embora o governo português não tenha legalizado mas dava grande cobertura a prática da prostituição. Na antiga Rua Araújo, havia grandes casas, bordéis de prostituição onde eram encontradas raparigas de origem europeia de rara beleza para atraírem os homens, negócios legais de porta aberta. As prostitutas eram praticamente todas brancas, a maioria francesas e sul-africanas. De acordo com Ma-schamba (2010) na Rua Araújo o negócio da noite não era só para os ricos, era socialmente círculo vertical os bares, cabarets e salas de jogo a Rua anualmente atendiam milhares e milhares de marinheiros, viajantes, homens de negócios, vindo de lugares diferentes pelo porto e no caminho-de-ferro.

Segundo Muianga (2009), na Rua Araújo havia uma tabela de preços, por hora ou por noite. Esta prática também era visível nos bairros periféricos de Caniço Mafalala, Xipamanine, nos anos de 1940 e 50, onde se concentrava a população indígena. Com a “chegada da independência no país, o governo do partido Frelimo tenta construir uma nova sociedade, prostitutas e todos improdutivos foram levados para o campo, considerados fonte de instabilidade social e delinquência nas grandes cidades, Muianga (2009). Ma-schamba (2010) afirma que depois da independência de Moçambique as novas autoridades políticas tentaram inverter o cenário banindo terminantemente a prática da prostituição foram sumariamente fechadas as casas de e os bordéis em todo o

território nacional, as profissionais do sexo foram encarceradas e algumas enviadas aos campos de afirmação na província de Niassa.

2.As incertezas na complexidade e pluralidade do risco ou perigos

A pluralidade de fatores e atores gera situações de interação bastante complexas, prejudicando a imputação das decisões, dos benefícios e, conseqüentemente, o funcionamento dos mecanismos de responsabilização e de repartição social do risco.”. Assim, na atualidade, a acentuação dos riscos a que se vêem expostas as sociedades caracteriza-se em função de decisões políticas muitas vezes tomadas à sua revelia. Hammerschmidt, (2002).

Deus também usa dores para nos ensinar as lições extraordinárias, disse Friedrich Engels: é melhor não se iniciar uma luta de vida ou morte, se não se quer ser abandonado.

Ademais, quando se fala de risco, refere-se à produção de danos que são conseqüências de decisões humanas causadas (por ações ou omissões ante a representação de um evento danoso) por oposição ao perigo que importa à produção de danos imputáveis a causas alheias ao próprio controle, externas à decisão e que afetam o entorno humano ou natural, a incerteza e a ignorância sempre caracterizaram o conhecimento humano e a verdade é que hoje constituem o paradigma e elemento estruturante da nossa sociedade. O século XIX foi dominado pelo paradigma da responsabilidade.

As incertezas e os imprevistos eram geridos pela adoção de uma conduta previdente em nível individual, ficando a solução, em último caso, nas mãos do destino ou de Deus. Já o Estado Social do século XX foi dominado pelo paradigma da solidariedade e estruturou-se, em larga medida, em torno do eixo central da repartição social dos encargos e riscos, sociais ou profissionais e de prevenção (prevenção de doenças, de crimes, de acidentes, e da miséria. Apesar disso, ao longo das últimas décadas, privilegiaram-se sistemas e tecnologias de produção que conduziram o planeta a uma situação limite (Hammerschmidt, 2002).

3.A Prostituição

Segundo Holanda (1986, p.1405) prostituição é acto ou efeito de prostituir-se, pode ser comércio habitual ou profissional do amor sexual. Por sua vez Gaspar (1984) diz que

a prostituta é aquela que vende serviços sexuais em troca de uma quantia em dinheiro, uma prática onde se oferece sexo pra qualquer homem que dispões de valor combinado.

Eu sou de bilene, vivo aqui em Maputo com meu marido ele é ajudante nas obras de construção é pedreiro só venho aqui na ausência dele porque as vezes tem tido trabalhos fora da cidade de Maputo venho aqui pra ajudar porque o dinheiro que ele apanha é pouco não chega pra as despesas de casa (Túlia 30 anos de idades).

Segundo Andrade (2002) a prostituição pode ser praticada tanto em ambientes fechados, assim como em abertos. A autora distingue as duas formas de prostituição. A primeira é a prostituição em casas, na qual as mulheres são subordinadas à uma gerência superior. E a segunda forma é a prostituição de rua, na qual atrai-se o cliente em ambiente público.

3.1.A Prostituição na rua

Segundo Castro (s/d), as prostitutas que trabalham nas ruas permanecem de pé durante muito tempo, estão expostas às intempéries como também várias outras adversidades como o risco de sofrerem assaltos e violências físicas, a possibilidade da recusa de pagamento do cliente pelo serviço prestado o desconhecimento da origem e procedência deste e quando os períodos da chuva ou do frio intenso os clientes reduzem-se. As prostitutas que trabalham nas ruas fazem também ponderações que são pertinentes sobre as vantagens que lhes oferecem seu local, elas não estão vinculadas à gerentes de hotéis ou cafetões, não são obrigadas a permanecer em quartos fechados, podem se deslocar de um lado a outro, conseguindo mais clientes e determinando seu próprio preço para a atividade.

Já faz 8 anos estou aqui minha amiga que me trouxe aqui eu sabia o que ela fazia mas não gostava de ficar bater papo com ela porque pessoas da zona falavam muito ela aparecia na minha casa comprar sainhas e vestidinhos, um dia saímos juntos disse que íamos a praia de catembe e passou daqui disse alguém precisava de falar com ela me mandou parar foi foder quando voltou disse-me o que tinha que fazer pra cobrar tako os clientes, fiquei com medo só fiz com duas pessoas consegui 1200 meticais porque viram que era primeira vez então pagaram bem depois fiquei um mês sem vir pra cá (Eusesia 36 anos de idades).

De acordo com Andrade (2011), a ONU define a prostituição como o “processo em que as pessoas mediante remuneração de maneira habitual, sob quaisquer formas, entregam-se às relações sexuais normais ou anormais com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, durante todo o tempo” completa a definição dizendo que o acto sexual

comercial é como qualquer acto sexual, em que algo de valor seja dado ou recebido por alguém. A prostituição deve ser vista como um espaço real de resistência ao ideal da mulher frágil e submissa e por outro lado revela-se também como produto dos valores morais que presidem a sociedade do século passado o que a situa ao mesmo tempo contraditoriamente como um espaço de reação e de manutenção destes mesmos valores (Engel, 2004, p.27).

Tou aqui por dinheiro não faço isso porque quer, já tentei procurar emprego mas pra trabalhar pra alguém que vai me dar 3000 mil meticais mensal enquanto eu posso fazer 5mil por dia e perder tempo, e nada posso fazer com esse dinheiro de salario mil vezes ficar aqui do que ter que acabar um mês e ter dinheiro que faço num minuto (Ana 20 anos de idades).

De acordo com Engel (2004) Prostituição é o espaço social que rompe com a imagem ideal de mulher construída em torno do casamento e da concepção maternidade, a prostituição rompe com os níveis de aceitação da sexualidade feminina e também se configura como uma prática que rompe com o comportamento socialmente esperado da mulher, com os papéis normativos, tradicionais de casamento da sexualidade vista como sadia de mãe e de esposa, espaço para a prática da sexualidade sadia. Assim, Anima Basak citado por Andrade (2002) diz que a prostituição significa a dominação machista sobre a mulher, que tem um corpo considerado como explorável, essa mulher troca esses favores sexuais por dinheiro ou outros bens, não pode haver prostituição com apenas uma pessoa.

Eu vim aqui na baixa sozinha pra ganhar dinheiro, ninguém me trouxe nesse lugar, já estou a me vender faz 8 anos venho aqui, porque não tive mas dinheiro pra pagar a escola deixei de estudar na 9ª classe, procurei emprego mas não consegui depois resolvi ganhar dinheiro assim sendo puta, o dinheiro que eu ganho aqui é pra me sustentar e outro dar minha mãe que tem 3 filhos com o meu padrasto que está a trabalhar na África do sul (Rita 28 anos de idade).

Na perspectiva do Alves e Martelli (2011) a prostituição feminina é vista na mulher que apresenta comportamento desviante, em função de não usar sua sexualidade apenas para a reprodução ou satisfação pessoal no reforço da intimidade da casa. O discurso sobre o sexo foi formulado a partir de duas visões básicas e antagônicas entre si: de um lado, no universo da prostituição, reina a ideia de sexualidade doente e lugar de perversões; de outro, a do casamento, um espaço higiênico e único onde é permitido manter uma sexualidade sadia.

4. Modelos econômicos como fator impulsionador da prostituição

No atual modelo econômico, as causas dos riscos e perigos possuem as mais diversas origens, o que lhe dá contornos de uma multidimensionalidade, circunstância que acentua as dificuldades das diversas instâncias de organização normativa em lidar com problemas dessa ordem (Leite, 2002). De acordo com Beck (1998), numa posição fortemente crítica as denomina “sociedade de risco global”, caracterizando-as como aquelas sociedades que a princípio de maneira encoberta e logo em forma cada vez mais evidente estão enfrentando os desafios da possibilidade de autodestruição real de todas as formas de vida no planeta. Nesta alocada corrida é evidente o domínio dos interesses econômicos por cima dos interesses políticos e sociais. As decisões políticas (traduzidas em um fazer ou em um não fazer) tomam-se priorizando os requerimentos dos mercados.

Eu estou aqui na baixa nessa vida já faz 3 anos quando cheguei aqui não conhecia os preços de me vender mas minha prima que me trouxe aqui disse que tinha que marcar o preço a partir de 500 meticais para quando o cliente pedir descontos baixar até os 300 meticais, no mínimo podia dar por 250 meticais, porque se eu marcar logo 300 meticais poderia sair com pouco dinheiro por causa dos descontos. (Aznaida 24 anos de idade).

No entender destes autores, a sociedade e suas instituições (incluindo as políticas) subordinam-se a este novo poder que exige uma nova filosofia a seu serviço. Assim, destaca que a sociedade atual caracteriza-se pela existência de riscos, os quais diferenciam-se dos perigos (desastres naturais ou pragas de outras épocas), pois que são artificiais, no sentido de que são produzidos pela atividade do homem e vinculados a uma decisão deste. Por sua vez, perigos são as circunstâncias fáticas, naturais ou não, que sempre ameaçaram as sociedades humanas, (Beck, 2002). Porém, na explicação de Giddens, trazida por Goldblatt, os perigos somente poderão ser entendidos como riscos, se forem conhecidos, se sua ocorrência puder ser prevista e sua probabilidade, calculada. O risco pode ser potencial (hipotético) ou demonstrado. É demonstrado quando, não obstante a sua concretização ser incerta, é conhecida a probabilidade de sua ocorrência e/ou magnitude. Exemplos destes tipos de riscos é a prostituição, visto que por maiores que sejam as cautelas adotadas no âmbito da segurança ou da prevenção, subsiste sempre um risco a saúde ou gravidez indesejada.

Desta forma, um perigo poderá assumir as feições do risco, que poderá atingir os contornos atuais do problema diante do fenômeno da irresponsabilidade organizada.

Tem-se, portanto, uma linha de evolução retilínea em que inicialmente corre-se perigo, depois se conhece que se corre perigo e o estado de periculosidade (risco) e termina-se por assumir, finalmente, a representação do estado de impotência perante o risco, não se tendo condições de evitar ou diminuir a probabilidade de sua ocorrência (irresponsabilidade organizada). Assim, o fenômeno da irresponsabilidade organizada, conceito elaborado por Beck, reside no fato da sociedade não conhecer a realidade do perigo, ocultar suas origens, negar sua existência, suas culpas e suas responsabilidades na produção do perigo (Leite, 2002).

5.A prostituição como respostas aos efeitos da Globalização

Para Giddens (1991) o perfil do risco específico à modernidade deve ser apresentado em sete vertentes, a seguir delineadas: A globalização do risco no sentido da intensidade, por exemplo: a guerra nuclear pode ameaçar a sobrevivência da humanidade. A intensidade global de certos tipos de riscos transcende todos os diferenciais sociais e econômicos. A globalização do risco no sentido da expansão da quantidade de eventos contingentes, a qual afeta todos ou ao menos grande quantidade de pessoas no planeta, por exemplo, as mudanças na divisão global do trabalho, refere-se à extensão planetária dos ambientes de risco, em vez da intensificação destes. Apesar dos altos níveis de segurança que os mecanismos globalizados podem propiciar, o outro lado da moeda é que novos riscos surgiram. Recursos e serviços já não estão mais sob o controle local e não podem, portanto, ser localmente reordenados no sentido de ir ao encontro de contingências inesperadas, e ainda há o risco de que o mecanismo como um todo possa emperrar, afetando assim a todos que comumente fazem uso dele.

Eu estou aqui na rua do Bagamoyo já há 4 anos, me separei de meu marido e não tenho emprego nem dinheiro pra sustentar os meus 3 filhos e meu ex-marido não quer pagar nada para garantir o sustento dos filhos porque não vivo mas com ele, estou aqui pra fazer crescer os meus filhos pra eles terem o que comer, ir à escola e ter uniforme. (Amélia 27 anos de idades).

O risco derivado do meio ambiente criado ou natureza socializada, qual seja a infusão do conhecimento humano no meio ambiente material. Refere-se ao caráter alterado da relação entre seres humanos e o ambiente físico. A variedade de perigos ecológicos nesta categoria deriva da transformação da natureza por sistemas de conhecimentos humanos.

Eu cobro 300 meticais para alguém me foder mas se for pra fazer brocha e punheta o tako pode subir até 500 a 800 meticais dependendo dos dias porque se o tipo passa daqui eu chamo e ele chega perto pergunto se quer foder e ele me diz só tenho 300 mas quer brocha se eu deixar outra puta vai aceitar e vai levar dinheiro melhor eu fazer mesmo assim com esse valor (Pricila, 32 anos de idades).

O desenvolvimento de riscos ambientais institucionalizados afetando a vida de milhões, por exemplo, mercados de investimentos. Dentro das diversas esferas das instituições modernas, os riscos não existem apenas como casualidades resultantes de operações imperfeitas de mecanismos de desencaixe, mas também como arenas de ações “fechadas”, institucionalizadas.

Eu tenho um cliente fixo que vem me foder sem o preservativo, o dinheiro ele deve me dar no mesmo dia não aceito que ele vir me fazer sem dar o dinheiro, depende por vezes me dá 800 meticais 500 depende o que tiver no dia pode dar (Neyma 20 anos).

No sentido de maximizar os lucros, todos operam num ambiente em que cada um tem de prever os lances dos adversários. A esse respeito, Raffaele di Giorgi (s/ano), aponta que o risco nas sociedades contemporâneas deve ser lido, fundamentalmente, como um problema de compreensão destes riscos. Para o professor italiano, o risco não é nem um dado existencial da sociedade, e muito menos, nem uma evidência ontológica das sociedades contemporâneas, as quais teriam de com ele conviver inexoravelmente. O risco seria uma forma específica de relação com o futuro. Além de que, não compartilha da visão fatalista e catastrófica que acompanha intensamente o referencial sociológico da sociedade de risco.

6.A Sociabilidade em contextos da prostituição

De acordo Simmel (1983, p. 33, *apud* Gastaldo, 2006) sociabilidade é a forma lúdica da associação, que consiste em uma forma de interação na qual os participantes se mostram a um só interessados e descomprometidos, ao autonomizar suas actuações no sentido de evitar qualquer demonstração de um interesse objectivo nos assuntos tratados, como é o caso de conversa ocorrente em festas. Gastaldo (2006) sociabilidade é uma espécie de um momento lúdico, de prazer, distinto das coisas sérias do quotidiano.

Na primeira vez que fiz sexo sem preservativo aqui na baixa foi com meu cliente fixo que agora é meu marido ele vinha sempre e só fazia sexo comigo quase sempre que ele aparecia aqui a vinha a minha procura (Aída de 32 anos de idades).

A sociabilidade pode tomar muitas formas, desde os mais universais presentes, no instrumento mais abrangente da vida comum da conversação, até as mais específicas como no jogo erótico ou de sedução. O elemento jogo sugere modo complexo que os indivíduos podem se identificar e se inserir nas categorias socialmente construídas; abre questões de modo pelo qual podemos nos apresentar para outras pessoas e manejar nossa própria apresentação, e o carácter construído das convenções da própria realidade social (Rousiley, 2001).

6.1.O risco da gravidez em desejada no contexto da prostituição

Segundo Granjo (2004) risco é uma ameaça domesticada, na tripla vertente de uma apropriação quantitativista que apresenta como cognoscível, de uma sua previsão probabilística e da assunção de controle sobre o aleatório. No entender do Zanirato et al. (2008) o risco é um produto social cuja percepção é subjectiva e técnica que envolve especialistas que o diagnosticam, mas deve mobilizar também especialistas em comunicar seus efeitos ao público.

Tenho uma amiga que tem clientes fixos e ela tem 3 filhos todos de pais diferentes. Foi engravidada aqui mesmo na baixa, ela conhece os pais dos seus filhos e tem certeza de que são eles, mas o que é difícil é encontrar ou manter contacto com eles sendo assim ela sustenta os filhos sozinha. Tania 30 anos de idades.)

Para Carapinheiro (2001) diz que o risco é uma possibilidade em termos de cálculos probabilísticos, de um perigo eventual ocorrer, ou a expectativa de um evento negativo ocorrer. Enquanto que na perspectiva do Kolluru (1996) risco é uma função da natureza do perigo, acessibilidade ou acesso de contacto potencial de exposição características da população exposta receptores, a probabilidade de ocorrência e a magnitude da exposição e das consequências. Na opinião do Herculano et al. (2000, p.286) o risco é como um evento adverso, uma atividade, um atributo físico, com determinadas probabilidades objetivas de provocar danos, que podem ser estimados através de cálculos quantitativos de níveis de aceitabilidade que permitem estabelecer Standards através de diversos métodos (predições estatísticas, estimação probabilística do risco, comparações de risco benefício análises psicométricas).

Para November (2002, p.19, apud Zanirato, 2010, p.20) considera risco como “qualquer coisa de potencial, ou seja, que ainda não aconteceu, mas que é pressentida como algo que se transformará num evento prejudicial para os indivíduos ou coletividade de um dado espaço”. A prática da prostituição tem sido algo existente em todas

sociedades onde no exercício dessa atividade podemos encontrar grupos de mulheres prostitutas umas e outras buscam mecanismos de sobrevivência vendendo seu corpo. A construção social da identidade faz com que o indivíduo se identifique no seu espaço social onde será reconhecido com todo o resto da coletividade, desde a época tradicional quando ainda a identidade era transmitida como herança cultural para que as pessoas tivessem traços de sua cultura assim, a posição do sujeito socializado é de produzir uma imagem de um indivíduo que tenha uma origem cultural semelhante à sua colectividade, (Mahumana, 2016).

6.2.A construção de identidades no contexto da prostituição

Para Liesegang (1996, p.114) o estudo do “outro” faz também parte do estudo antropológico da cognição, das relações sociais, da construção das identidades, o termo construção da identidade descreve o que se pode chamar registro ou exploração de contratos sociopolíticos em determinadas situações. O termo construção de identidade descreve o que se pode chamar “registro ou exploração de uma realidade existente” e proposta de negociação de contratos sócio-políticos em determinadas situações. De acordo com Pina Cabral (2003) a identidade pessoal é o conjunto de objectivações coisas tais como estatutos relações interpessoais formas de falar vestir e comer que determinam o relacionamento de uma pessoa com outras na apropriação social do mundo. O self isto é, a forma como a memória cria um sentimento de unicidade e durabilidade que, dialogando com as objectivações que constituem a identidade pessoal permite à pessoa construir um nexos de interesses e reações que reforçam ou adaptam a identidade pessoal.

É difícil dizer qual é a minha identidade ou como chamo o que eu faço porque o nome que uso pra chamar aquelas meninas será o mesmo pra mim também (...) mas aquelas pessoas são putas eu também sou (risos...) sou uma puta quase. (Stela 29 anos, 10 anos na prostituição).

A identidade pessoal é construída a partir destas identificações ou diferenciações e é como reação à memória delas em conjugação com as objectivações da identidade pessoal que rodeiam a pessoa que se constitui o self. Assim, a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias,

empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2011, p.13).

Eu não diria que sou puta néh! Isso é pesado mas sim sou uma menina da noite que vende sexo porque passo noites e dias aqui até já me esqueci como é estar de noite na minha casa (Marlene 19 anos de idades.)

Na percepção de Castells (1999) as identidades são construídas, ainda que essa construção social sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder e propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: Identidade legitimadora; Identidade de resistência tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade, e identidade de projecto, que para nós, é a nova identidade a ser conquistada.

Putas posso dizer que são aquelas que estão na rua da mesquita porque vendem-se por 50 meticais, nem sei o que fazem com esse dinheiro já eu sou uma vendedora do sexo porque não aceito qualquer um me subir só por 50 eu cobro três dedos. (Efigênia, 28 anos de idades.)

Segundo Dubar (2006, p.84) as identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego. Identidades profissionais como configurações no eu e nós e que podem ser identificadas e detectáveis no campo das atividades de trabalho remuneradas.

A construção de identidade alimenta-se de trajetórias sociais incorporadas nos agentes da posição ocupada por estes na estrutura social (na medida em que ela determina e configura contextos de sociabilidade e de socialização duráveis) (Madureira Pinto, 1991, p. 120). De acordo com Castells (1999) identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados quais prevalecem sobre outras fontes de significado, a identidade coletiva do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construído.

Eu sou diferente da maioria das putas daqui que nem sabem o que fazem com o dinheiro andam a comer as gajas de borla, mas eu posso dizer que sou uma vendedora de sexo porque estou a vender sexo meu corpo então chamo me vendedora do sexo e ganho dinheiro por isso (Nelma 36 anos de idades.)

Os estudos de Barreto e Prado (2010) revelam que se pretendemos entender a identidade da prostituta precisamos entender antes como esta atividade se organiza, quais as regras e normas que a perpassam, quem são seus personagens, entre outros.

Considerando que a prostituição é uma atividade marcada por diversidades de lugares, pessoas, espaços, regras, representações cada um destes aspectos interfere de uma forma diferente na identidade.

Assim, a construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade (Castells, 1999, p.26). De igual modo os autores admitem que a identidade surge através de numa construção que visa transformar um indivíduo numa outra personalidade diferente da vida que tinha no passado mas projetando o futuro com uma nova identidade que irá tornar o indivíduo reconhecível na sua coletividade e o seu quotidiano na coletividade.

Eu nunca revelo o que faço mesmo no chapa encontro-me com pessoas que perguntam o que faço naquele momento de bater papo mas só digo que vendo refrescos na baixa não posso dizer que sou uma puta no chapa pah! Como também só venho aqui de manhã” (Zaira 23 anos de idades.)

(As roupas que nós vestimos aqui curtas são pra os homens apreciarem e ficarem tesos com vontade de bater (foder..) e não passar despercebidas mesmo se você fosse mulher vir aqui nessa vida também ia vestir assim como uma puta. (Guida 35 anos de idades).

A identidade coletiva no trabalho é uma inovação, uma criação (sainsaulieu) que implica um processo de elaboração de negociação de regras e normas, de referências comuns. Este processo inclui necessariamente uma parte de conflito, mas também de cooperação, de avanços e recuos de compromissos e riscos (Dubar, 2006, p.108). No entanto Florêncio (2002:42) diz que identidade de um grupo social é um aspecto dinâmico que varia consoante os contextos específicos, os grupos humanos não são unidades estáticas, existindo variações no modo de inserção, participação e conceptualização dos diferentes indivíduos, ou subgrupos, que constituem um determinado momento histórico, o grupo mantém aproximação com restante sociedade envolvente, isto é, com outros grupos. Por outra a identidade pode ser negociada e integrada num determinado momento em que o indivíduo encontra-se a realizar uma determinada função ou tarefa no processo de interação social com ou outros indivíduos ou seja a identidade é uma construção que passa por um processo de gestão.

As identidades são construídas de acordo com o ambiente em que o indivíduo se encontra inserido como afirma o autor Hall (2011), caracteriza sujeito pós-moderno a partir de um processo de construção da identidade histórico e constante. Ele pode assumir identidades diferentes em ocasiões diversas e estas podem ser até contraditórias.

Segundo Madureira Pinto (1991, p. 119) é importante não se perder nunca de vista que as identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação, por inclusão e por exclusão, por intermédio de práticas e confirmação e de práticas de distinção classistas e estatutário, e que todo este processo, feito de complementaridade, contradições e lutas, não pode senão conduzir numa lógica de jogo de espelhos, identidades impuras, sincréticas e ambivalentes.

Eu posso me considerar vendedora do sexo ou uma puta para mim não faz mal mas sou uma puta no momento que estiver aqui porque não estou todo momento aqui como outras, assim que hoje é domingo estou aqui pra fazer um pouco de dinheiro essa manhã as 11 horas vou embora porque tenho que ir a igreja no momento que eu estiver lá nem você pode me reconhecer porque estou de capulanas sou uma cristã como as outras e ninguém sabe que venho pra aqui na baixa mas também depois de lá vou a xti que bater papo com bradas aquelas cenas e beber, conviver com os que Tikao comigo saio de lá às 20h e tal, posso voltar aqui vou ficar em casa descansar (Flora 25 anos de idades.)

A identidade construída num determinado espaço cria forma de representação dos indivíduos tendo em conta a vários intercâmbios de cada dia, essa identidade parte de uma negociação com a personalidade e de uma gestão de múltiplas das identidades do quotidiano. Da mesma forma Cucho (1999) afirma que a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas.

Conclusão

Segundo Woodward (2000) a identidade se constrói pela diferença e pela exclusão, a primeira perspectiva que se deve ter é a de que a identidade é relacional, ou seja, a identidade para existir depende de algo fora dela. No caso das prostitutas a linguagem usada, as roupas curtas que deixam as pernas expostas mostrando os contornos do seu corpo, os seus gestos fazem parte da construção de identidade de prostituta, como também a aparência e a performance sensual demonstra gestos e falas uniforme entre elas. Para compreender o processo de construção identitária nessa atividade de prostituição é necessário entender as percepções e significados que este grupo tem acerca do local onde tem desenvolvido a sua atividade e também, como uma e outra se auto-identifica a si mesmas e aos colegas que estão na mesma atividade.

Este texto segue a perspectiva construtivista social, adotando assim, a proposta de análise da produção de sentidos e significados da prostituição. Segundo Becker (1994) o construtivismo como teoria, permite idealizar o conhecimento construído e constituído pelo sujeito através de sua ação e da interação com o meio. Assim, a atividade da prostituição como estratégias de sobrevivências é construída, condicionada e reconhecida possibilitando a inserção da prostituta na vida coletiva social. Na sociedade pós-industrial, os benefícios do desenvolvimento tecnológico apresentam-se cada vez mais inconveniências do que vantagens.

A aceitação do risco já não apresenta qualquer similitude com a anterior aceitação do progresso, pois eles não são propriamente exteriores ao homem, mas advêm das opções explícitas e implícitas por ele feitas, de maneira consciente ou inconscientemente, e com base em interesses variados e, muitas vezes, conflitantes. Não está somente em causa a incerteza ou o perigo inerentes à complexidade e ao poder dos meios, atualmente, empregados pelo homem. Na perspectiva do Schmidt e Toniette (2008:103) as interpretações e discursos deverão ser, obrigatoriamente, composições de ciência, senso comum, saberes populares e conhecimentos práticos, assinalando o diálogo, a negociação e o trabalho das diferenças sociais e culturais como fundamento da produção de conhecimento compartilhado.

De acordo com Geertz (1926), as pesquisas sociais em antropologia tem de buscar e compreender a realidade humana que ocorre dentro de um contexto histórico e construída socialmente. A busca dessa realidade é a descoberta dos significados codificados nas ações e palavras dos nativos. As ações e palavras dos indivíduos devem ser encaradas como interpretações porque, traduzem o modelo que estes usam para definir o que lhes acontece, onde os significados das descrições das culturas devem ser calculados em termos das construções que imaginamos que os nativos colocam através da vida que levam.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M. (2005). **Representações cognitivas e comportamentos sexuais de risco: o guião e as teorias implícitas da personalidade nos comportamentos de protecção sexual**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para Ciência e Tecnologia.

- ANDRADE, I. (2011). **Prostituição e exploração: comercialização de sexo jovem**. Disponível em: <<http://www.caminhos.ufms.br/reportagens/view.htm?a=45>>. Acesso em: 15 set. 2015
- ANDRADE, M. C. C. de. (2002). **Mulheres prostituídas**. Videtur-Letras, São Paulo, n. 5, abr. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/index.htm>>. Acesso em: 10/09/2015.
- BARRETO, L. C.; PRADO, M. A. M. (2010). **Identidade das prostitutas em belo horizonte: as representações, as regras e os espaços**. São Paulo, São-Joãodel-Rei.
- BECKER, F. (1994) O que é o construtivismo? **Revista Ideias**, n. 20. São Paulo: FDE, p. 87-93. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. (1994). **Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas**. In: Investigação qualitativa em educação. Porto Editora, p. 15- 80.
- CARAPINHEIRO (2001) “A Globalização do risco social” In: Santos, L. (Org.). **Globalização fatalidade ou Utopia**. Porto, Edições Afrontamento.
- CASTELLS, M. (1999). **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo, Volume II, Paz e Terra.
- CASTRO, H. M. de et. al. (s/d). **Territórios e territorialidades urbanas: olhares ambivalentes sobre a prostituição na metrópole mineira**. VI congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de género da ABEH.
- CECCARELLI, P. R. (2008). **Prostituição:Corpo como mercadoria**. In: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4, Edição especial, dez. 2008.
- COSO (2004). **Enterprise risk management: integrated framework**.
- COSTA, M. A. (2006). **Percepção sócio ambiental e qualidade de vida dos Moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP**. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Instituto Oswaldo Cruz.
- DE GIORGI, R. “O risco na sociedade contemporânea”. **Revista Seqüência: Revista do Curso de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina**, jun.1994, n.28, ano 15, p.45-54.
- DELLA ROCCA, F. F. (2002). **A percepção de risco como subsídio para os processos de gerenciamento ambiental**. São Paulo: IPEN. Tese de Doutorado.

- DOUGLAS, M. & WILDAVSKY, A.(1982). **Risk and culture: an essay on the selection of technological and environmental dangers**. Berkeley, CA: University of California Press.
- DUBAR C. (2006). **A crise das identidades a interpretação de uma mutação**. Edições, Afrontamento, Edição 10(15).
- DUCLOS, D. (1986). **La construcion sociale du risque: les cas dêsouvrieres de la chimie face auxdagersindustriels**. Pires: conservatoire Nationale dêsartset Metiers.
- ENGEL, M. [1989]. (2004). **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense.
- FERNANDES, R. et al. (2006). **O Processo de Construção e Reconstrução das Identidades dos Indivíduos nas Organizações**. RAC - Revista de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro, vol. 10.
- FRAGOSO, H. C. (1965). **Lições de Direito Penal. Parte Especial**. 2.ed. São Paulo: José Bushatsky.
- GASTALDO, É. (2006). “Futebol e Sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas”.**Desporto e Sociedade**. Unisinos. Disponível e <http://www.lazer.eefd.ufrr.br/espsoc>
- GIDDENS, A. (1991). **As consequências da Modernidade**. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991, p.126-132.
- GOIS, M. L. de. (2008). **Representações sociais dos direitos humanos: um estudo sobre as auto- percepções e percepções da prostituição feminina em Aracaju**. Relatório, Universidade Federal de Sergipe pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa. Departamento de Psicologia.
- GOFFMAN, E. (1975). **A representação do eu na vida cotidiana**. 10.ed. São Paulo: Editora Vozes.
- GOFFMAN, E. (1978). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GOFFMAN, E. (2002). **O Interacionalismo Simbólico**. Lisboa: Editora Papyrus.
- GOLDENBERG, M. (2000). **A arte de pesquisar: como fazer uma pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record.

- GUILAM, M.C.R. (1996). **O conceito de risco: sua utilização pela epidemiologia, engenharia e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz. Dissertação de mestrado.
- FLORENCIO, Fernando. (2002). "Identidade Ética e práticas políticas entre os Vandau em Moçambique". **Cadernos de Estudos Africano**. Lisboa: No 3, Jul./Dez.p.42-43.
- GRANJO, Paulo. (2004). **Quando a identidade é um perigo: consequências das mutações identitárias na refinaria de Sines**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- FRAGOSO, Heleno Cláudio. (1965). **Lições de Direito Penal. Parte Especial**. 2. ed. São Paulo: José Bushatsky, v. 3.
- HAMMERSCHMIDT, Denise. O Risco Na Sociedade Contemporânea e o Princípio da Precaução no Direito Ambiental. **Revista Seqüência**, n.º 45, p. 97-122, dez. de 2002.
- HALL, S. (2011). **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro, Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11.ed. Editora DP&A.
- HERCULANO, S. et al. (2000). **Qualidade de vida e riscos ambientais**. Niterói, Rio de Janeiro, EdUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense
- HOLANDA, A.B. de. (1986). **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- KOLLURU, R. (1996). Risk assessment and management: a unified approach. In: KOLLURU, R.; BARTELL, S.; PITBLADO, R.; STRICOFF, S. **Risk assessment and management handbook: for environmental, health and safety professionals**. Boston, Massachusetts: McGraw Hill.
- LEITE, J.R.M.; AYALA, P. de A. **Direito ambiental na sociedade de risco**. São Paulo: Forense, 2002, p.18.
- LIESEGANG, G. (1998). "Territorialidades Sociais e Identidades com Referência a Moçambique". In: SERRA, C. **Identidade, Moçambicanidade e Moçambicanização**. Maputo, UEM, p. 112-135.
- LIMA, M.L. (2005). **Percepção de Riscos Ambientais, em Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**, Luís Soczka, Lisboa, Edições Calouste Gulbenkian, págs 203-245.
- LOPES, C.S; RABELO, I. V. M; PIMENTA, R. P. B. (2007). A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. **Revista Psicologia Social**, v. 19, p. 69-76.
- LUHMANN, N.(1993). **Risk: a sociological theory**. New York, Aldine de Gruyter.
- MADUREIRA PINTO, J. (1991). "Considerações sobre a produção social da identidade" In **Revista Crítica de ciências sociais**. Porto, No 32, Julho.

- MA-SCHAMBA (2010). **Deus, o negócio e o pecado na Rua Araújo em Lourenço Marques**. Disponível em: <http://ma-schamba.com/roupa-velha/deus-o-negocio-e-o-pecado-na-rua-araujo-em-lourenco-marques/>. Acessado em 10 de novembro de 2015.
- MENDES, Felismina (2002) Risco: um conceito do passado que colonizou o presente., **Revista Portuguesa de Saúde Pública**. VOL. 20, Nº2.
- MINAYO, Maria cecília. e SANCHES, Odécio 1993. “Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade”. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro 9 (3): 239-262.
- MUIANGA, B. (2009). **Risco e Saúde no contexto do VIH\Sida, o caso da prostituição na Baixa da Cidade de Maputo**, Março.
- PINA-Cabral. J. (2003). “**Identidades Inseridas: Algumas divagações sobre a identidade, Emoção Ética**” In instituto em ciências sociais.
- PRESTÍGIO (2009). “**Ela existe e floresce, mas continua Tabu para muitos moralistas. A prostituição: legalizar ou não**”? (orgs) Nambale, Rafael e Vasconcelos, Abalade In Revista Mensal de Moçambique Pp 20-22
- ROBERTS, N. (1998) **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos tempos.
- SILVA, A P. & BLANCHETTE, T G. (2005) Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadernos Pagu**, v. 25. p 249-280
- SCHMIDT, M. L. S. & TONIETTE, M.A (2008). A relação pesquisador-pesquisado: algumas reflexões sobre a ética na pesquisa e a pesquisa ética. In: Iara Coelho Zito Guerriero, Maria Luisa Sandoval Schmidt, Fabio Zicker (Orgs.). **Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde.**, Editores. São Paulo. p 102-107.
- SLOVIC, P., (1987). **Perception of risk**. Science
- SLOVIC, P. (2001). “The risk game”, **Journal of Hazardous Materials**, vol. 86
- SPINK M.J. (2001). Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cad Saúde Pública**. 17 (6), Dez.
- STOFFLE, A. et al. (1991) “**Risk Perception Mapping: Using ethnography to define the locally affected population for a low-level radioactive waste storage facility in Michigan**”, American Anthropologist.
- VASCONCELOS, I. & VASCONCELOS, F. (2002). Gestão de recursos Humanos e identidade social: um estudo crítico. São Paulo, **Revista De Administração De Empresa**. V. 42, n.1. p 64-78.

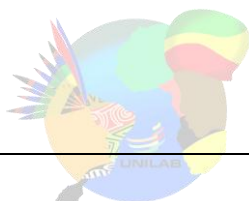
WOODWARD, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes.

ZANIRATO Et Al (2008). Sentidos do risco: interpretações teóricas. Biblio 3W, **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. XIII, nº785,a. Acesso em: 10 out. 2015. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-785.htm>>.

ZANIRATO, Silvia Helena (2010). **Avaliação da vulnerabilidade socioambiental em cidades brasileiras**. Um estudo sobre a cidade de Ouro Preto. Porto Alegre. Associação dos geógrafos brasileiros, p. 1-9.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023



Para citar este texto (ABNT): CAPAINA, Tubias Benedito Borge. A prostituição, sociabilidade e estratégias de sobrevivência: uma resposta aos efeitos da globalização na capital moçambicana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.677-696, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Capaina, Tubias Benedito Borge (out. 2023). A prostituição, sociabilidade e estratégias de sobrevivência: uma resposta aos efeitos da globalização na capital moçambicana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 677-696.